

TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS – LIVRO UM

A FILHA DO SANGUE



ANNE
BISHOP



Era poder demais. Nem os Sangue estavam destinados a deter tal poder. Nem a Feiticeira jamais controlara todo esse poder. A verdade é que esta menina controlava. Esta jovem Rainha.

A filha da sua alma. Com esforço, Saetan estabilizou a respiração. Poderia aceitá-la. Poderia amá-la. Ou poderia temê-la. A decisão cabia a ele, e o que quer que decidisse aqui e agora seria uma decisão com a qual teria de viver.

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um clique não basta.

É preciso um Bang!

a filha do sangue



a filha do sangue
trilogia das joias negras / livro um
Anne Bishop

Tradução de Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

SUMÁRIO

Carta do Editor	8
Prefácio	10
Dedicatória	11
Resumo de Personagens	12
Jóias	14
Hierarquia dos Sangue / Castas	15
Prólogo	17
Primeira Parte	21
Capítulo Um	23
Capítulo Dois	60
Segunda Parte	95
Capítulo Três	97
Capítulo Quatro	118
Capítulo Cinco	144
Terceira Parte	173
Capítulo Seis	175
Capítulo Sete	203
Capítulo Oito	228
Capítulo Nove	263
Capítulo Dez	285
Capítulo Onze	305
Capítulo Doze	313
Capítulo Treze	337
Capítulo Catorze	365
Capítulo Quinze	396
Trecho de <i>A Herdeira das Sombras – Livro dois</i>	424

CARTA DO EDITOR

“Há algumas perguntas que não devem ser feitas até que uma pessoa tenha maturidade suficiente para apreciar as respostas.”

— Anne Bishop, *A Filha do Sangue*

A *Filha do Sangue* é uma viagem inesquecível num mundo estranho e assombroso dominado pela magia. Essa magia é proveniente de joias que são atribuídas a cada indivíduo em complexas cerimônias, e é em torno delas que existem os Sangue.

Eles vivem para honrar as Trevas. São o produto de uma sociedade dividida por castas que se tornou cruel. No início, eles eram os protetores do Reino, mas com o tempo a essência dos Sangue foi corrompida. Agora os machos são brutalizados desde a infância e se tornam escravos dos caprichos de rainhas maquiavélicas.

Durante muito tempo as Trevas tiveram um Príncipe, mas a chegada de uma Feiticeira com um poder inimaginável foi profetizada. É então que nos é apresentada Jaenelle, o centro do universo negro e sensual criado por Anne Bishop. Ela ainda é jovem, vulnerável, inocente, sujeita a influências corruptas. Quem a controlar, terá domínio sobre as Trevas. Cabe a três homens — três príncipes do Sangue que carregam o apelido SaDiablo — protegê-la: são eles Saetan, Senhor Supremo do Inferno, e seus filhos, Daemon e Lucivar.

Esses três homens são muito diferentes entre si, mas partilham algumas características: muito poderosos, são profundamente atormentados, e as suas vidas serão alteradas para sempre por Jaenelle. O mais velho, Saetan, sabe que ela é a filha que lhe foi prometida em visões e terá que protegê-la contra a violência das castas. Daemon tem grande fama por sua beleza, mas sua elegância

e sensualidade são manchadas por seu enorme cinismo e frieza. Trata-se de um príncipe de imenso poder, mas ele é usado como mero escravo de prazer. Incapaz de se subjugar à tirania das rainhas, Lucivar não consegue controlar sua raiva e é condenado a um encarceramento cruel.

No universo de Anne Bishop, há uma intensidade e ousadia que não deixam ninguém indiferente. As relações entre os personagens constituem alguns dos melhores momentos da obra, e todos eles sofrem com as escolhas que têm que fazer e cujas consequências são quase dolorosas demais para suportar.

Apesar do enredo arrebatador e complexo do universo das Joias Negras, *A Filha do Sangue* é, no fundo, uma bela história de amor em que uma mulher é quase destruída por um mundo cruel, até o momento em que é salva (será mesmo?) por homens com almas desfiguradas pelo passado. Em Jaenelle está concentrada a força que permite aos três SaDiablo combater seus demônios interiores. Mas que preço cada um deles está disposto a pagar para realizar seu desejo mais profundo?

Venha descobrir as Trevas que habitam a mente tortuosa e criativa de Anne Bishop. E, mais do que uma boa leitura, desejo a todos os que se atreverem uma inesquecível viagem.

Luís Corte Real

PREFÁCIO

Esta história faz parte da minha vida há 25 anos. Ao escrevê-la, os personagens que eu criava iam se tornando pessoas importantes para mim na época — como são até hoje.

Primeiro foi Daemon Sadi, com sua elegância, frieza e convicção de estar predestinado ao amor da Feiticeira, o mito vivo. Depois veio Lucivar Yaslana, com sua visão mundana da vida e suas asas gloriosas. Por último, o Senhor do Inferno, um homem de grande poder e sabedoria adquirida a duras penas, mas arrependido pelo passado. O vínculo entre os três é Jaenelle Angelline, uma criança admirável que poderá se tornar uma poderosa Rainha — se sobreviver.

À medida que eu acrescentava e suprimia ideias sobre o clã constituído pelos Sangue, começaram a se formar uma cultura e um código de honra em torno dos personagens criados. Brinquei com as expectativas de todos nós, tecendo uma narrativa imagística, de sombras, na qual apresento a trajetória de um pai e seus dois filhos distantes, de um mundo que deu errado, de uma cultura a caminho da destruição, de um sonho que, feito carne, modificou a vida de homens poderosos, transformando tudo.

Uma história de amor e traição, de magia e mistério, de honra e paixão — o preço de um sonho.

Quando comecei a escrever *A Filha do Sangue* e os dois outros livros que compõem a Trilogia das Joias Negras, eu o fazia para mim mesma. Ao longo dos anos, a história foi lida por pessoas do mundo inteiro. Hoje, é com grande orgulho que a compartilho com você.

Bem-vindo aos Reinos dos Sangue.

Anne Bishop

Para Blair Boone e Charles de Lint

RESUMO DE PERSONAGENS

PROTAGONISTAS

Jaenelle Angelline é a personagem principal, uma menina de doze anos destinada a se tornar a Rainha das Trevas, também conhecida simplesmente como “Feiticeira”.

Daemon Sadi (SaDiablo) é filho de Saetan e Tersa. Assim como o pai e o irmão, é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Escravo sexual nas cortes de Dorothea e de rainhas corrompidas por ela, também é conhecido como “Sádico”. É o macho mais forte na história dos Sangue.

Saetan Daemon SaDiablo é o Senhor Supremo do Inferno, Sacerdote Supremo da Ampulheta e Príncipe da Guerra de Dhemlan. É pai de Daemon e Lucivar. Depois de Daemon, é o macho mais forte dos Sangue.

Lucivar Yaslana (SaDiablo) é filho de Saetan e Luthvian, uma eyriena. Assim como o irmão, Daemon, foi escravizado quando adolescente e forçado a servir nas cortes de Dorothea e suas seguidoras. Por conta do temperamento explosivo, é enviado para as minas de sal de Pruul. É o terceiro macho mais forte dos reinos.

Surreal SaDiablo é uma prostituta assassina, filha de Titian.

Dorothea SaDiablo é a incestuosa Sacerdotisa Suprema de Hayll. Faz parte da assembleia da Ampulheta, formada por Viúvas Negras.

Kartane SaDiablo é filho de Dorothea SaDiablo. Em outros tempos, foi amigo íntimo de Daemon, seu primo.

Hekatah, instigadora das guerras entre Kaeleer e Terreille, é uma demônia-morta que se autoproclama Sacerdotisa Suprema do Inferno. É ex-mulher de Saetan SaDiablo e mãe de Mephis e Peyton.

Robert Benedict alega ser o pai de Jaenelle Angelline. Dirige o hospital conhecido como Briarwood. É ainda um membro influente do conselho dos machos de Chaillot.

JOIAS

Branca
Amarela
Olho de Tigre
Rosa
Azul-Celeste
Violeta
Opala*
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinza
Cinza-Ébano
Negra

Ao fazer a Oferenda às Trevas, uma pessoa pode descer no máximo três categorias em relação à sua Joia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até a Rosa.

* Opala é a linha divisória entre Joias mais claras e escuras, uma vez que pode ser ambas.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

PLEBEUS — em qualquer raça, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, de status equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, de status equivalente ao de Sacerdotisa ou Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias, perigoso e extremamente agressivo; na hierarquia, está ligeiramente abaixo da Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIAS — em qualquer raça, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; designa também as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias mas não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças físicas, de status equivalente ao de Sacerdotisa e Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testemunha juras e casamentos; faz oferendas; de status equivalente ao de Curandeira e Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias emaranhadas de sonhos e visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que rege os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; logo, é o ponto central da sociedade.

PRÓLOGO

Terreille

Sou Tersa, a Tecelã, Tersa, a Mentirosa, Tersa, a Louca. Sempre que os Senhores e Senhoras dos Sangue com Joias dão um banquete, sou a diversão que vem depois que os músicos tocaram, os rapazes e moças dançaram e os Senhores já beberam vinho demais e exigem que a sorte lhes seja lida. “Conte-nos uma história, Tecelã”, gritam, enquanto tocam as coxas das moças que os servem e as Senhoras observam os jovens, a decidir quais deles terão o doloroso prazer de servi-las à noite, na cama.

Houve um tempo em que fui parte deles, tão Sangue quanto eles.

Não, não é verdade. Eu *não era* Sangue como eles. Por isso fui quebrada pela lança de um Senhor da Guerra, tornando-me vidro estilhaçado que reflete apenas o que poderia ter sido.

É difícil quebrar um macho com Joias dos Sangue, mas a vida de uma Feiticeira está suspensa pelo fio himenal, e o que acontece na sua Noite da Virgem determina se ela permanecerá intacta para exercer a Arte ou se irá se tornar um receptáculo partido, restando-lhe o sofrimento eterno pela parte de si mesma que se esvaeceu. Ah, alguma magia permanece, o suficiente para a vida do dia a dia e truques de salão, mas não a Arte, o sangue da vida para a nossa espécie.

A Arte, porém, pode ser recuperada — caso se esteja disposto a pagar o preço.

Na minha juventude, lutei contra esse último declive que leva ao Reino Distorcido. É melhor ser quebrada e continuar sã do que ser quebrada e enlouquecer. É melhor olhar para o mundo e reconhecer uma árvore como uma árvore, uma flor como uma flor, do que olhar através de uma névoa para formas cinzentas e fantasmagóricas, vislumbrando claramente apenas os fragmentos de si mesmo.

Pelo menos era o que eu pensava na época.

Enquanto me arrasto para o pequeno banco, luto para me manter nos limites do Reino Distorcido e para ver, uma última vez, o mundo físico. Com cuidado, coloco na pequena mesa junto ao banquinho a estrutura de madeira que segura a minha teia emaranhada, a teia de sonhos e visões.

Os Senhores e Senhoras esperam que eu lhes leia a sorte, e isso eu sempre fiz, não através de mágica, mas mantendo os olhos e ouvidos atentos, e então lhes dizendo o que querem ouvir.

Simples. Sem mágica.

Mas hoje é diferente.

Já faz alguns dias que venho ouvindo um tipo estranho de trovão, um chamado distante. Ontem à noite, rendi-me à loucura para poder recuperar minha Arte de Viúva Negra, uma feiticeira das assembleias da Ampulheta. Ontem à noite, teci uma teia emaranhada para ver os sonhos e visões.

Hoje, os destinos não serão revelados. Só tenho forças para dizer isto uma única vez. Mas, antes de falar, preciso ter certeza de que aqueles que precisam ouvir estão na sala.

Aguardo. Não reparam. Os copos se enchem e voltam a se encher enquanto luto para me manter nos limites do Reino Distorcido.

Ah, ali está ele. Daemon Sadi, do Território denominado Hayll. É lindo, frio, cruel. Tem um sorriso sedutor e um corpo que as mulheres desejam tocar e pelo qual desejam ser acariciadas, mas é dominado por uma raiva fria e insaciável. Quando falam sobre o seu desempenho no quarto, as palavras que as Senhoras murmuram são “prazer excruciante”. Não duvido que seja sádico o suficiente para misturar dor e prazer em partes iguais, mas foi sempre gentil comigo, e esta noite lhe envio um pequeno raio de esperança. Mais do que qualquer um jamais ofereceu a ele.

Os Senhores e Senhoras estão inquietos. Não costumo demorar tanto para começar a falar. A agitação e o aborrecimento estão instalados, mas eu aguardo. Depois desta noite, não fará qualquer diferença.

Ali está o outro, no canto oposto da sala. Lucivar Yaslana, o mestiço eyrieno do Território denominado Askavi.

Hayll não tem qualquer afeto por Askavi, nem Askavi por Hayll, mas Daemon e Lucivar são atraídos um pelo outro sem compreenderem o motivo, tão enredadas estão as suas vidas que não podem se separar. Amigos inquietos, combateram batalhas lendárias e destruíram tantas cortes que os Sangue ficam receosos quando estão juntos, não importa por quanto tempo.

Levanto as mãos e deixo-as cair no colo. Daemon me observa. Não mu-

dou nada, mas sei que aguarda e ouve. E, uma vez que ele ouve, Lucivar também ouve.

— Ela está chegando.

A princípio, não percebem que falei. Quando entendem as palavras, começam os sussurros irritados.

— Vagabunda estúpida — grita alguém. — Diga-me quem irei amar esta noite.

— O que importa? — respondo. — Ela está chegando. O Reino de Terreille será dilacerado por sua própria e estúpida ganância. Os que sobreviverem irão se tornar servos, mas serão poucos.

Estou me afastando dos limites. Pelo meu rosto escorrem lágrimas de frustração. Ainda não, doces Trevas, ainda não. Tenho que dizer isso.

Daemon ajoelha-se a meu lado, suas mãos sobre as minhas. Dirijo-me a ele, somente a ele, e, através dele, a Lucivar.

— Os Sangue de Terreille corrompem as antigas tradições, zombam de tudo o que somos. — Com um gesto, indico aqueles atualmente no poder. — Distorcem os fatos como lhes convém. Vestem-se de maneira elegante e fingem. Enfeitam-se com Joias dos Sangue, mas não compreendem o que significa ser Sangue. Dizem que honram as Trevas, mas não é verdade. Não honram nada, a não ser as próprias ambições. Os Sangue foram criados para servir como protetores dos Reinos. Por isso recebemos o nosso poder. Por isso descendemos dos povos de todos os Territórios, ainda que deles estejamos separados. A corrupção da nossa essência não pode continuar. Chegará o dia em que a dívida será cobrada e os Sangue terão de responder por aquilo que se tornaram.

— São estes Sangue que reinam, Tera — diz Daemon com tristeza. — Quem resta para cobrar a dívida? Escravos bastardos como eu?

Estou me afastando rapidamente. Minhas unhas se cravam nas mãos de Daemon até tirar sangue, mas ele não me repele. Baixo a voz. Ele se esforça para me ouvir.

— Há muito, muito tempo as Trevas têm um Príncipe. Agora, a Rainha está a caminho. Pode levar décadas, até séculos, mas está a caminho. — Com o queixo, aponto os Senhores e Senhoras sentados às mesas. — Quando isso acontecer, eles já serão pó, mas você e o eyrieno estarão aqui para servir.

Seus olhos dourados enchem-se de frustração.

— Que Rainha? Quem está a caminho?

— O mito vivo — murmuro. — Os sonhos tornados realidade.

O choque é substituído por um desejo intenso.

— Tem certeza?

A sala é um turbilhão de névoa. Só Daemon continua nítido a meus olhos. Mas ele é a única coisa de que preciso.

— Eu a vi na teia emaranhada, Daemon. Eu a vi.

Estou cansada demais para me manter no mundo real, mas, obstinadamente, continuo agarrando as suas mãos para uma última revelação:

— O eyrieno, Daemon.

Ele olha de relance para Lucivar.

— O que é que tem?

— É seu irmão. Vocês são filhos do mesmo pai.

Não conseguindo mais aguentar, mergulho na loucura apelidada de Reino Distorcido. Vou caindo por entre os fragmentos de mim mesma. O mundo rodopia e se desfaz em estilhaços. Nos seus fragmentos, vislumbro aquelas que foram minhas Irmãs precipitando-se das mesas, aterrorizadas e decididas, e a mão de Daemon estendida, casualmente, destruindo o frágil fio de seda de aranha de minha teia emaranhada.

Não é possível reconstruir uma teia emaranhada. As Viúvas Negras de Terreille podem passar anos assustadores tentando, mas será em vão. A teia não será a mesma e não conseguirão ver o que vi.

No mundo cinza, lá em cima, posso me ouvir uivando, numa gargalhada. Muito abaixo de mim, no abismo psíquico que faz parte das Trevas, ouço um outro uivo, repleto de alegria e de dor, de raiva e de celebração.

Não é mais uma feiticeira que está a caminho, minhas tolas Irmãs, é a Feiticeira.



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Lucivar Yaslana, o mestiço eyrieno, observava os guardas que arrastavam o homem em soluços para o barco. Não sentia qualquer compaixão pelo condenado que comandara a fracassada revolta de escravos. No Território denominado Pruul, a compaixão era um luxo a que nenhum escravo podia aspirar.

Tinha se recusado a participar da revolta. Os líderes eram homens bons, mas não possuíam a força, a determinação ou a coragem para fazer o que era necessário. Não gostavam de ver derramamento de sangue.

Ele não tinha participado. Apesar disso, Zuultah, a Rainha de Pruul, o castigara.

Os pesados grillhões em volta do pescoço e dos pulsos já tinham deixado sua pele em carne viva, e as costas latejavam com a dor causada pelo chicote. Ele abriu as asas negras, membranosas, numa tentativa de diminuir a dor que sentia.

Na mesma hora, um guarda o acertou com um porrete, recuando logo em seguida, amedrontado pelo débil silvo de raiva emitido por Lucivar.

Ao contrário dos outros escravos, incapazes de ocultar a aflição ou o medo, os olhos dourados de Lucivar não demonstravam qualquer expressão, nenhuma pista psíquica de emoções com as quais os guardas poderiam jogar enquanto forçavam o homem em soluços a entrar no velho barco, com espaço somente para um homem. Sem condições de navegar, a embarcação apresentava grandes buracos na madeira apodrecida, o que, dado o seu propósito atual, apenas a valorizava.

O condenado era pequeno e subnutrido. Contudo, foram necessários seis guardas para metê-lo no barco. Cinco deles agarraram-lhe a cabeça, os braços e as pernas. O sexto untou os órgãos genitais do homem com gordura de bacon antes de pôr sobre o barco uma tampa de madeira, que se encaixou

perfeitamente. Tinha orifícios talhados para a cabeça e as mãos. Assim que as mãos do homem foram agrilhoadas a argolas de ferro na parte exterior do barco, a tampa foi fechada de modo que ninguém, a não ser os guardas, a pudesse remover.

Um dos guardas escrutinou o homem aprisionado e balançou a cabeça, com uma falsa consternação. Dirigiu-se aos outros:

— Deveríamos lhe dar uma última refeição antes de jogá-lo ao mar.

Os guardas riram. O homem gritou, suplicando por ajuda.

Um a um, os guardas foram enfiando comida, zelosamente, na boca do homem, encaminhando depois os outros escravos, como um rebanho, para os estábulos onde estavam instalados.

— Hoje à noite terão diversão, rapazes — gritou um guarda, às gargalhadas. — Lembrem-se disso da próxima vez que decidirem deixar de servir a Senhora Zuultah.

Lucivar olhou por cima do ombro para, logo em seguida, desviar o olhar.

Atraídas pelo cheiro da comida, as ratazanas enfiaram-se pelos buracos abertos na embarcação.

O homem no barco gritou.

As nuvens deslocavam-se rapidamente sobre a lua, mantos cinzentos que ocultavam o luar. O homem no barco não se moveu. Seus joelhos eram feridas abertas, e sangravam devido aos chutes que dava sem parar na cobertura do barco, num esforço para manter as ratazanas à distância. Suas cordas vocais ficaram destruídas de tanto gritar.

Lucivar ajoelhou-se atrás do barco, com movimentos cuidadosos para abafar o som das correntes.

— Não revelei nada a eles, Yasi — disse o homem, com a voz rouca. — Tentaram me obrigar a falar, mas não falei. Restava-me um pouco de honra.

Lucivar levou uma taça aos lábios do homem.

— Beba — disse, a sua voz não mais do que um murmúrio, misturando-se na noite.

— Não — gemeu o homem. — Não. — Começou a chorar, um som seco e gutural arrancado à sua garganta arruinada.

— Vamos, depressa. Depressa. Vai ajudar. — Apoiando a cabeça do homem, Lucivar levou a taça aos lábios inchados. Depois de dois goles, Lucivar pousou a taça e afagou a cabeça do homem suavemente com as pontas dos dedos. — Vai ajudar — sussurrou.

— Sou um Senhor da Guerra dos Sangue. — Lucivar ofereceu-lhe novamente a taça e o homem bebeu mais um gole. À medida que sua voz se tornava mais forte, as palavras começaram a perder clareza. — Você é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Por que fazem isso com a gente, Yasi?

— Porque neles não existe qualquer honra. Porque neles não existe qualquer lembrança do que é ser Sangue. A influência da Sacerdotisa Suprema de Hayll é uma praga que vem se espalhando pelo Reino durante séculos, consumindo lentamente todos os Territórios que toca.

— Então, talvez os plebeus tenham razão. Talvez os Sangue sejam o mal. Lucivar continuou a afagar a testa e as têmporas do homem.

— Não. Somos o que somos. Nem mais, nem menos. O bem e o mal existem em todos os povos. Atualmente, quem domina é o mal que existe entre nós.

— E onde estão os bons entre nós? — perguntou o homem, com sonolência.

Lucivar beijou-o na cabeça.

— Foram destruídos ou escravizados. — Ofereceu a taça. — Beba até o fim, Irmãozinho, e estará tudo terminado.

Assim que o homem sorveu o último gole, Lucivar usou a Arte para fazer desaparecer a taça.

O homem no barco riu.

— Me sinto bastante corajoso, Yasi.

— Você é muito corajoso.

— As ratazanas... Já não tenho culhões.

— Eu sei.

— Chorei, Yasi. Perante todos eles, chorei.

— Não importa.

— Sou um Senhor da Guerra. Não deveria ter chorado.

— Não revelou nada a eles. Teve coragem quando foi necessário.

— De qualquer maneira, Zuultah matou os outros.

— Irá pagar por isso, Irmãozinho. Um dia, ela e os outros como ela irão pagar por tudo. — Lucivar massageou suavemente o pescoço do homem.

— Yasi. Eu...

Foi um movimento repentino, acompanhado de um som agudo.

Lucivar recostou com cuidado a cabeça desfalecida e levantou lentamente. Poderia ter dito a eles que o plano não daria certo, que o Anel de Obediência poderia ser ajustado o suficiente para alertar seu possuidor de um chamado interior de força e resolução. Poderia ter dito a eles que as garras

malignas que os mantinham escravizados já se haviam alastrado a territórios demasiado longínquos e que, para libertá-los, seria necessária uma selvageria mais apurada do que aquela de que o homem é capaz. Poderia ter dito a eles que, para manter um homem obediente, existiam armas mais cruéis do que o Anel, que a sua preocupação uns com os outros seria a sua destruição, que a única forma de escapar, mesmo que por pouco tempo, era não se preocupar com ninguém, estar sozinho.

Poderia ter dito a eles.

Entretanto, quando se aproximaram dele, tímidos, cautelosos, ansiosos por questionar um homem que ao longo dos séculos tinha se libertado repetidas vezes mas continuava escravizado, tudo o que disse foi:

— Sacrifiquem tudo.

Eles foram embora, desapontados, incapazes de compreender que ele estava falando a sério. Sacrifiquem tudo. Mas havia uma coisa que ele não podia — não queria — sacrificar.

Quantas vezes, depois de rendido e novamente aprisionado por aquele implacável anel de ouro em torno do seu órgão, Daemon o tinha encontrado e encostado na parede, irado, chamando-o de louco e covarde por ter se entregado?

Mentiroso. Mentiroso melífluo e experiente nos assuntos da corte.

Certa vez, Dorothea SaDiablo procurou Daemon Sadi desesperadamente depois de ele ter desaparecido de uma corte sem deixar rastros. Para encontrá-lo foram necessários cem anos, e dois mil Senhores da Guerra pereceram ao tentar recapturá-lo. Ele poderia ter usado aquele pequeno e selvagem Território sob seu domínio e conquistado metade do Reino de Terreille, poderia ter se tornado uma ameaça tangível a usurpação e absorção que Hayll provocava em todos que tocava. Em vez disso, leu uma carta enviada por Dorothea, que lhe chegou pelas mãos de um mensageiro. Leu-a e entregou-se.

A carta dizia apenas: “Entregue-se até a lua nova. Cada dia que passar além disso, arrancarei um pedaço do corpo de seu irmão como pagamento por sua arrogância.”

Lucivar sacudiu-se, tentando expulsar os pensamentos indesejáveis. De certa forma, as memórias revelavam-se piores do que o chicote, uma vez que o faziam pensar em Askavi, com suas montanhas altaneiras a cortar o céu e vales repletos de cidades, fazendas e florestas. No entanto, Askavi já não era tão fértil como antes, pois fora pilhada durante séculos por aqueles que a esgotaram mas nunca retribuíram com o que quer que fosse. Ainda assim, era a sua terra, e os séculos de exílio em escravidão provocavam um desejo

ardente pelo cheiro do ar puro da montanha, pelo sabor de um riacho fresco e doce, pelo silêncio dos bosques e, acima de tudo, pelas montanhas sobrevoadas pela raça eyriena.

No entanto, encontrava-se em Pruul, aquela terra árida, quente, deserta e estéril, a serviço da devassa Zuultah, por não conseguir ocultar a aversão que sentia por Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, por não conseguir domar o temperamento enquanto servia feiticeiras que desprezava.

Entre os Sangue, os machos deveriam servir, não dominar. Lucivar jamais tinha desafiado essa ordem, apesar das várias feiticeiras que matara ao longo dos séculos. Tinha feito isso pois seria um insulto servi-las; ele era um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que usava Joias Cinza-Ébano e se recusava a acreditar que servir e ser servil eram sinônimos. Sendo um bastardo mestiço, não acalentava qualquer esperança de atingir posições de autoridade numa corte, apesar da categoria de suas Joias. Sendo um guerreiro eyrieno experiente e dono de um temperamento explosivo mesmo para um Príncipe dos Senhores da Guerra, tinha ainda menos esperanças de que lhe fosse permitido viver fora das correntes sociais de uma corte.

E fora capturado da mesma forma que todos os machos dos Sangue são capturados. Havia algo no seu interior que os fazia ansiar ardentemente por servir, que os impelia a se interligar, de alguma forma, a fêmeas ornadas com Joias dos Sangue.

Lucivar contraiu o ombro e inspirou através dos dentes no preciso momento em que uma ferida infligida pelo chicote voltou a se abrir. Ao tocar com cuidado na ferida, sua mão ficou encharcada em sangue fresco.

Sorriu amargamente, revelando os dentes. Como era aquele velho ditado? Um desejo, ofertado com sangue, é uma prece às Trevas.

Fechou os olhos, ergueu a mão em direção ao negro do céu e iniciou a interiorização, descendo ao abismo psíquico na profundidade das suas Joias Cinza-Ébano para que o desejo se mantivesse secreto, para que ninguém na corte de Zuultah pudesse ouvir a transmissão de seu pensamento.

Ainda que uma única vez, gostaria de servir uma Rainha que respeitasse, alguém em quem realmente pudesse acreditar. Uma Rainha poderosa que não temesse a minha força. Uma Rainha a quem pudesse também chamar amiga.

Friamente divertido pela própria tolice, Lucivar limpou a mão na calça larga de algodão e suspirou. Era uma pena que a declaração de Tersa, enunciada setecentos anos antes, não tivesse passado de simples e louca ilusão. Por algum tempo, foi a sua fonte de esperança. Demorou muito até que ele percebesse que a esperança é amarga.

*Olá!

Lucivar olhou em direção aos estábulos onde se alojavam os escravos. Logo os guardas fariam a ronda noturna. Ainda que pairasse no ar um cheiro quente e poeirento, ele desfrutaria da aragem da noite por mais um minuto, antes de regressar à cela imunda com a cama feita de palha, suja e infestada de bichos, antes de regressar ao fedor do medo, de corpos sujos e dejetos humanos.

*Olá!

Lucivar voltou-se lentamente, desenhando um círculo, os sentidos físicos alertas, a mente investigando a origem daquele pensamento. A comunicação psíquica podia ser difundida a todos numa determinada área — como gritar num quarto cheio de gente — ou restringida a uma única categoria de Joias — ou, mais ainda, a uma única mente. Aquele pensamento parecia dirigido diretamente a ele.

Não existia nada ali para além do que seria de esperar. O que quer que fosse, tinha desaparecido.

Lucivar balançou a cabeça. Estava ficando tão assustado como os plebeus — aqueles que, qualquer que seja a raça, não fazem parte dos Sangue —, com suas superstições sobre o mal que espreguiça durante a noite.

— Olá!

Lucivar girou sobre si próprio, as asas negras abertas para manter o equilíbrio enquanto colocava os pés em posição de combate.

Sentiu-se ridículo ao ver a menina que o fitava, de olhos arregalados.

Não passava de uma coisinha magra, com cerca de sete anos. Descrevê-la como comum seria bondade. Contudo, mesmo ao luar, possuía olhos extraordinários, que faziam-no lembrar do céu ao crepúsculo ou um lago profundo da montanha. Suas roupas eram de boa qualidade, certamente melhores do que as que usaria um pedinte. Os cabelos louros tinham cachos que indicavam carinho e cuidado, mesmo que parecessem ridículos em seu rostinho pontiagudo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou abruptamente.

Ela entrelaçou os dedos e encolheu os ombros.

— Eu... ouvi você. Você queria uma amiga.

— *Me ouviu?* — Lucivar olhou-a fixamente. Mas como diabo o tinha ouvido? De fato, tinha transmitido esse desejo para o exterior, mas por um fio Cinza-Ébano. Era o único Cinza-Ébano no Reino de Terreille. A única Joia mais escura que a sua era a Negra, e a única pessoa que usava *essa* Joia era Daemon Sadi. A não ser...

Não. Não podia ser.

Nesse preciso momento, os olhos da menina saltaram de Lucivar para o homem morto no barco e de volta para ele.

— Preciso ir — murmurou, afastando-se.

— Não, não precisa. — Foi até ela sem fazer barulho, como um caçador no encalço de sua presa.

A menina se esquivou.

Em segundos, a tinha apanhado, indiferente ao barulho dos grilhões. Enrolando uma corrente em volta dela, envolveu-lhe a cintura com um braço e levantou-a do chão, soltando um gemido quando ela lhe bateu com o calcanhar no joelho. Ignorou suas tentativas de arranhá-lo, e os pontapés. Embora o machucassem, não tinham o mesmo efeito de um pontapé dado no lugar certo. Quando começou a gritar, tapou-lhe a boca com uma das mãos.

Na mesma hora, ela cravou os dentes em seu dedo.

Lucivar engoliu um grito e praguejou baixinho. Caiu de joelhos, levando a menina com ele.

— Não faça barulho — murmurou, furioso. — Quer que os guardas nos apanhem? — Provavelmente era o que ela queria, e Lucivar esperava que a menina lutasse com alento ainda maior sabendo que a ajuda estava por perto.

Em vez disso, ficou petrificada.

Lucivar encostou sua face à cabeça da menina e inspirou.

— Você é uma menina danada — afirmou com serenidade, lutando para manter o riso longe da voz.

— Por que você o matou?

Estaria imaginando coisas ou a voz dela tinha mudado? Continuava parecendo a voz de uma menininha, mas nela havia trovões, cavernas e céus de meia-noite.

— Estava sofrendo.

— Não podia tê-lo levado a uma Curandeira?

— As Curandeiras não se interessam pelos escravos — vociferou. — Além do mais, as ratazanas deixaram pouco para curar. — Encostou-a com mais força ao seu peito, na esperança de que, ao aquecê-la com seu corpo, ela parasse de tremer. Parecia pálida demais contra a pele castanho-clara de Lucivar, e ele sabia que não era simplesmente porque tinha a pele clara. — Desculpa. Isso foi cruel.

Quando a menina começou a lutar contra o seu abraço, levantou os braços para que pudesse deslizar sob a corrente entre os seus pulsos. Ela correu atabalhoadamente para longe do alcance de Lucivar, girou sobre si mesma e caiu de joelhos.

Analisaram-se.

— Qual é o seu nome? — perguntou finalmente.

— Me chamo Yasi. — Riu ao vê-la torcer o nariz. — Não me culpe por isso. Não fui eu que escolhi.

— É uma palavra ridícula para alguém como você. Qual é o seu nome verdadeiro?

Lucivar hesitou. Os eyrienos eram umas das raças de longevidade prolongada. Ao longo de 1.700 anos, ele tinha adquirido a reputação de ser depravado e violento. Se ela tivesse ouvido alguma das histórias sobre ele...

Respirou fundo e deixou sair lentamente:

— Lucivar Yaslana.

Não houve qualquer reação, exceto por um tímido sorriso aprovativo.

— Qual é o seu nome, Gata?

— Jaenelle.

Ele esboçou um largo sorriso.

— É um nome bonito, mas acho que Gata também lhe cai bem.

Ela rosnou.

— Está vendo? — Lucivar hesitou, mas tinha de perguntar. A diferença entre Zuultah supor que ele tinha matado aquele escravo e ter certeza absoluta disso seria determinante quando estivesse esticado entre os postes onde seria vergastado. — A sua família veio visitar a Senhora Zuultah?

Jaenelle franziu a testa.

— Quem?

De fato, parecia uma gatinha tentando calcular a forma de atacar um bicho grande e saltitante.

— Zuultah. A Rainha de Pruul.

— O que é Pruul?

— Aqui é Pruul. — Lucivar gesticulou com a mão, indicando a terra em volta deles, praguejando em eyrieno quando as correntes chocalharam. Engoliu o último palavrão ao reparar no olhar intenso e interessado de Jaenelle. — Já que você não é de Pruul e sua família não está de visita, de onde você é? — Ao vê-la hesitar, inclinou a cabeça em direção ao barco. — Sei guardar segredo.

— Sou de Chaillot.

— Chai... — Lucivar engoliu outro palavrão. — Você entende eyrieno?

— Não. — Jaenelle sorriu ironicamente. — Mas agora já sei algumas palavras.

Deveria rir ou estrangulá-la?

— Como chegou aqui?

Ela passou a mão nos cabelos e estreitou os olhos ao contemplar o chão rochoso entre eles. Por fim, encolheu os ombros.

— Da mesma forma que me desloco para outros lugares.

— Viaja pelos Ventos? — guinchou.

Jaenelle ergueu um dedo para testar o ar.

— Não estou falando de brisas ou lufadas de ar. — Lucivar rangeu os dentes. — Os Ventos. As Teias. Os caminhos psíquicos das Trevas.

Jaenelle animou-se.

— É isso que são?

Ele conseguiu interromper um palavrão que já se formava.

Jaenelle inclinou-se para a frente.

— Você é sempre assim tão cretino?

— A maioria das pessoas me considera cretino, é verdade.

— O que isso quer dizer?

— Não importa. — Escolheu uma pedra afiada e desenhou um círculo no chão entre eles. — Este é o Reino de Terreille. — Colocou uma pedra redonda no círculo. — Esta é a Montanha Negra, Ebon Askavi, onde os Ventos se juntam. — Desenhou linhas retas da pedra redonda até a circunferência do círculo. — Estas são as linhas de orientação. — Desenhou círculos menores dentro do círculo original. — Estas são as radiais. Os Ventos são como uma teia de aranha. É possível viajar nas linhas de orientação ou nas radiais, mudando de direção onde se cruzam. Existe uma Teia para cada categoria das Joias de Sangue. Quanto mais escura for a Teia, maior a quantidade de linhas de orientação e radiais e mais rápido é o Vento. Você pode viajar numa Teia da sua categoria ou numa mais clara, mas não pode viajar numa Teia mais escura do que a sua categoria de Joia, a menos que esteja numa Carruagem conduzida por alguém suficientemente forte para se deslocar nessa Teia ou que esteja sendo protegida por alguém que possa. Se tentar fazer isso, provavelmente não vai sobreviver. Entendeu?

Jaenelle mordiscou o lábio inferior e apontou para um espaço entre os filamentos.

— E se eu quiser ir ali?

Lucivar balançou a cabeça.

— No ponto mais próximo, teria de abandonar a Teia de volta ao Reino e viajar de alguma outra forma.

— Não foi assim que cheguei aqui — protestou.

Lucivar estremeceu. Não existiam filamentos de Teia alguma ao redor

do complexo de Zuultah. Sua corte estava deliberadamente instalada num desses espaços em branco. Para chegar ali diretamente pelos Ventos, a única forma era abandonar a Teia e deslizar às cegas pelas Trevas, o que, até para os melhores e mais fortes, era algo muito arriscado. A não ser...

— Venha aqui, Gata — chamou com delicadeza. Quando ela se deixou cair à sua frente, Lucivar colocou as mãos em seus magros ombros. — Costuma vagar com frequência?

Jaenelle assentiu lentamente.

— As pessoas me chamam. Assim como você fez.

Como ele fez. Mãe Noite!

— Gata, escute o que eu digo. As crianças são vulneráveis a muitos perigos.

Havia uma expressão estranha nos olhos dela.

— Sim, eu sei.

— Às vezes, um inimigo pode usar a máscara de um amigo até ser tarde demais para escapar.

— Sim — sussurrou.

Lucivar balançou-a gentilmente, forçando-a a olhar para ele.

— Terreille é um lugar perigoso para gatinhas. Por favor, volte para casa e não perambule de novo. Não... Não responda àqueles que chamam.

— Mas desse jeito não vou ver você de novo.

Lucivar fechou os olhos dourados. Uma faca cravada no coração não seria tão dolorosa.

— Eu sei. Mas seremos sempre amigos. E não será para sempre. Quando crescer, irei procurá-la, ou você virá me procurar.

Jaenelle mordiscou o lábio.

— Com que idade se é crescido?

Ontem. Amanhã.

— Digamos, dezessete. Parece uma eternidade, eu sei, mas não é tanto tempo assim. — Nem Sadi inventaria uma mentira melhor do que esta. — Promete não vagar?

Jaenelle suspirou.

— Prometo não vagar em Terreille.

Lucivar ajudou-a a se levantar e virou-a.

— Há uma coisa que quero ensinar a você antes que vá embora. Vai funcionar bem se um homem alguma vez tentar agarrá-la por trás.

Após repetirem a demonstração até que ele tivesse certeza de que ela sabia o que fazer, Lucivar beijou-a na testa e afastou-se.

— Agora vá. A qualquer momento, os guardas vão chegar para a ronda. E lembre-se: uma Rainha nunca quebra a promessa que fez a um Príncipe dos Senhores da Guerra.

— Me lembrarei disso. — Hesitou. — Lucivar? Vou ficar diferente quando crescer. Como vai me reconhecer?

Lucivar sorriu. Dez anos ou cem não fariam nenhuma diferença. Sempre reconheceria aqueles extraordinários olhos cor de safira.

— Eu saberei. Adeus, Gata. Que as Trevas te envolvam.

Jaenelle sorriu e desapareceu.

Lucivar fitou o espaço vazio. Teria sido uma tolice o que lhe havia dito? Provavelmente.

O barulho de um portão despertou sua atenção. Rapidamente, apagou o desenho dos Ventos e deslizou de sombra em sombra até alcançar os estábulos. Atravessou a parede exterior e instalou-se em sua cela no momento em que o guarda abriu o postigo gradeado da porta.

Zuultah era suficientemente arrogante para acreditar que seus feitiços dominadores impediam os escravos de fazer uso da Arte para atravessar as paredes das celas. Era desconfortável atravessar uma parede enfeitada, mas, para Lucivar, não era impossível.

A vagabunda que imaginasse. Quando os guardas encontrassem o escravo no barco, ela suspeitaria que Lucivar lhe tinha partido o pescoço. Desconfiava dele sempre que *qualquer coisa* de errado acontecia em sua corte — e tinha boas razões para tal.

Talvez oferecesse alguma resistência quando os guardas tentassem amarrá-lo aos postes. O alvoroço feroz a manteria distraída, e as emoções violentas cobririam o rastro psíquico que ainda perdurasse da menina.

Ah, sim, conseguiria manter a Senhora Zuultah tão entretida que ela *jamais* perceberia que a Feiticeira já caminhava no Reino.

2 / Terreille

A Senhora Maris voltou a cabeça na direção do grande espelho de pé.
— Pode ir agora.

Daemon Sadi deslizou da cama e começou a se vestir lentamente, zombeteiro, ciente de que a Senhora Maris o observava pelo espelho. Sempre con-

templava o espelho quando ele a servia. Talvez um certo voyeurismo em relação a si mesma? Fingiria que o homem refletido no espelho sentia realmente algo por ela, que seu clímax o excitava?

Vagabunda estúpida.

Maris espreguiçou-se e suspirou de prazer.

— Você me lembra um gato selvagem, com essa pele sedosa e músculos ondulantes.

Daemon vestiu a camisa branca de seda. Um predador selvagem? Era uma descrição bastante justa. Se alguma vez o irritasse para além da sua limitada tolerância ao gênero feminino, teria muito gosto em lhe mostrar as garras. Em particular, uma minúscula.

Maris suspirou uma vez mais.

— É tão bonito.

Sim, era lindo. Seu rosto era uma dádiva da sua misteriosa herança, aristocrático e moldado de forma tão harmoniosa que não poderia ser simplesmente caracterizado como belo.

Ele era alto e tinha ombros largos. Mantinha o corpo tonificado e musculoso o suficiente para agradar. Sua voz era profunda e culta, com uma ponta sedutora de rouquidão que enevoava a visão das mulheres. Os olhos dourados e os densos cabelos negros eram típicos das três raças de longevidade prolongada de Terreille, embora sua pele castanho-dourada, de tons quentes, fosse mais clara do que a dos aristocratas hayllianos — mais parecida à da raça Dhemlan.

Seu corpo era uma arma e ele mantinha suas armas bem afiadas.

Enfiou o casaco preto. Suas roupas também eram armas, desde a roupa de baixo até os ternos perfeitamente cortados. Néctar que seduzia os incautos à perdição.

Abanando-se com a mão, Maris olhou diretamente para Daemon.

— Mesmo com este calor, você sequer transpirou.

Aquilo soou como uma queixa, o que de fato era.

Daemon sorriu, zombeteiro.

— Por que deveria?

Maris se sentou, cobrindo-se com o lençol.

— Bastardo cruel e insensível.

Daemon ergueu uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

— Me acha cruel? Tem razão, é claro. Sou especialista em crueldade.

— E tem orgulho disso, não é? — Maris reteve as lágrimas. Seu rosto contraiu-se, deixando transparecer todas as rugas petulantes provocadas pelo

passar dos anos. — É verdade tudo o que dizem sobre você. Até mesmo isso.
— Apontou para a sua genitália.

— Isso? — perguntou, sabendo exatamente ao que ela se referia. Ela, e todas as mulheres como ela, perdoariam qualquer maldade que fizesse se conseguissem seduzi-lo até a ereção.

— Você não é um homem autêntico. Nunca foi.

— Também nisso tem toda a razão. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça. — Pessoalmente, acho que foi o desconforto provocado pelo Anel de Obediência que causou o problema. — O sorriso frio e zombeteiro estava de volta. — Talvez se você o tirasse...

Maris ficou tão pálida que Daemon julgou que fosse desmaiar. Tinha dúvidas de que desejasse tão ardentemente assim testar sua teoria a ponto de remover o círculo dourado que envolvia seu órgão. Melhor assim. Ela não sobreviveria nem um minuto depois que ele estivesse livre.

Em todo caso, a maioria das feiticeiras que havia servido não sobrevivera.

Daemon sorriu, o habitual sorriso frio e brutal, enfiando-se na cama a seu lado.

— Então você acha que sou cruel. — Os olhos de Maris já estavam vidrados devido às gavinhas de sedução psíquica que ele tecia à sua volta.

— Sim — sussurrou Maris, fixando os lábios dele.

Daemon inclinou-se, entretido pela rapidez com que Maris entreabriu a boca para receber o beijo. A língua dela brincou avidamente com a dele, e quando finalmente Daemon levantou a cabeça, Maris tentou puxá-lo para cima dela.

— Quer mesmo saber por que não transpiro? — perguntou, com uma gentileza exagerada.

Ela hesitou, desejo e curiosidade guerreando entre si.

— Por quê?

Daemon sorriu.

— Porque, minha querida Senhora Maris, sua pretensa inteligência me aborrece até as lágrimas, e esse corpo que você julga tão elegante e enfeitado sempre que possível, seja onde for, nem aos abutres interessa.

O lábio inferior de Maris estremeceu.

— Você... é um bruto sádico!

Daemon deslizou da cama.

— Como sabe? — perguntou agradavelmente. — O jogo ainda nem começou.

— Saia. SAIA!

Ele saiu rapidamente do quarto, ficando por um momento à porta. O lamento de dor de Maris era o contraponto perfeito a seu riso zombeteiro.

Uma leve brisa desalinhou os cabelos de Daemon enquanto ele seguia por uma trilha de cascalho que cruzava os jardins dos fundos. Desabotoando a camisa, sorriu com prazer ao sentir a brisa acariciar-lhe a pele nua. Tirou um cigarro preto e fino do estojo dourado, acendeu-o e suspirou, deixando o fumo sair lentamente pela boca e pelas narinas, anulando o fedor de Maris.

A luz do quarto de Maris apagou-se.

Vagabunda estúpida. Não compreendia o jogo que ela própria jogava. Não — não compreendia o jogo que *ele* jogava. Com 1.700 anos, estava agora no apogeu. Usava um Anel de Obediência controlado por Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll, desde que se lembrava. Tinha sido criado na sua corte como o filho bastardo dos primos de Dorothea, tinha sido instruído e treinado para servir as Viúvas Negras de Hayll. Ou seja, aprendera o suficiente da Arte para servir aquelas feiticeiras vagabundas do jeito que elas queriam ser servidas. Tinha se prostituído em cortes há muito reduzidas a pó enquanto o povo de Maris começava a construir cidades. Tinha destruído feiticeiras superiores a ela e também poderia destruí-la. Tinha derrubado cortes, devastado cidades, provocado pequenas guerras como vingança por jogos de alcova.

Dorothea castigava-o, feria-o, vendia-o para prestar serviços em sucessivas cortes, mas, afinal, Maris e sua espécie eram dispensáveis. Ele não. Sua criação tivera um preço bastante elevado para Dorothea e as outras Viúvas Negras de Hayll, e, o que quer que tivessem feito, não poderiam voltar a fazê-lo.

Os Sangue de Hayll estavam enfraquecidos. Na sua geração, eram poucos os que usavam as Joias mais escuras, o que não chegava a surpreender, uma vez que Dorothea fora bastante meticulosa na eliminação das feiticeiras mais fortes, que poderiam ter desafiado seu poder depois que ela se tornou Sacerdotisa Suprema, mantendo suas seguidoras nas Cem Famílias de Hayll — feiticeiras de joias mais claras, sem qualquer posição social — e as fêmeas dos Sangue de pouco poder como as únicas capazes de acasalar com um macho dos Sangue e de gerar crianças dos Sangue saudáveis.

Agora, precisava de uma linhagem de sangue negro para acasalar com suas Irmãs Viúvas Negras. Assim, embora o humilhasse e torturasse com prazer, não o destruía — se houvesse oportunidade, desejava sua prestativa

semente nos corpos das Irmãs, e utilizaria tolas como Maris para desgastá-lo até que estivesse pronto a se submeter.

Ele jamais se submeteria.

Setecentos anos antes, Tera tinha lhe dito que o mito vivo estava a caminho. Setecentos anos de espera, observando e procurando, esperançoso. Setecentos dilacerantes e extenuantes anos. Recusava-se a desistir, recusava-se a sequer pensar que ela poderia ter se enganado, recusava-se porque seu coração ansiava demais por essa criatura estranha, maravilhosa e aterrorizante chamada Feiticeira.

No fundo da sua alma, ele a conhecia. Em sonhos, ele a via. Nunca materializou um rosto. Ficava embaçado sempre que o tentava focar. Mas podia vê-la com um vestido negro e transparente, fabricado em seda de aranha, um vestido que lhe escorregava dos ombros quando ela se movimentava, um vestido que abria e fechava quando ela andava, revelando a pele nua e fresca como a noite. E haveria no ar um aroma que era o dela, um perfume com o qual acordaria, enterrando o rosto na almofada dela, que já estaria de pé e cuidando de próprios assuntos.

Não era luxúria — o fogo do corpo empalidecia em comparação ao abraço entre mentes —, embora o prazer físico estivesse presente. Queria tocá-la, sentir a textura de sua pele, saborear seu calor. Queria acariciá-la até ambos estarem em brasa. Queria entrelaçar a vida na dela até que fosse impossível saber onde começava uma e terminava a outra. Queria colocar os braços à sua volta, fortes e protetores, e sentir-se, também ele, protegido; possuí-la e ser possuído; dominá-la e ser dominado. Queria a Outra, a sombra ao longo da sua vida, que o fazia sofrer a cada fôlego, enquanto ia tropeçando nessas frágeis mulheres que nada significavam para ele e nunca poderiam significar.

Simplesmente, acreditava ter nascido para ser seu amante.

Daemon acendeu outro cigarro e dobrou o dedo anelar da mão direita. O dente de serpente deslizou para fora do canal e deteve-se na parte inferior de sua unha longa e pintada de preto. Sorriu. Maris perguntava-se se ele tinha garras. Bem, esta queridinha iria impressioná-la. Não por muito tempo, uma vez que o veneno na bolsa embaixo da unha era extremamente potente.

Tinha sorte por ter atingido a maturidade sexual um pouco mais tarde do que a maioria dos hayllianos. O dente de serpente tinha surgido com o resto das alterações físicas, uma surpresa chocante, pois julgava impossível que um macho pudesse ser uma Viúva Negra natural. Durante esse tempo, estivera servindo numa corte onde era sinal de elegância os homens usarem as unhas compridas, bem como pintá-las, então ninguém estranhou quan-

do aderiu à moda, e ninguém jamais questionou por que continuou a usar as unhas daquela maneira.

Nem mesmo Dorothea. Uma vez que as feiticeiras das assembleias da Ampulheta eram especialistas em venenos e nos aspectos mais obscuros da Arte, bem como em sonhos e visões, sempre achou estranho que Dorothea nunca tivesse adivinhado o que ele era. Se isso tivesse acontecido, ela sem dúvida teria tentado mutilá-lo, deixando-o irreconhecível. Poderia ter êxito antes que ele fizesse a Oferenda às Trevas para determinar o poder que lhe seria atribuído como adulto, quando ainda usava a Joia Vermelha que lhe tinha sido oferecida na Cerimônia de Direito de Progenitura. Se tentasse atacá-lo agora, mesmo com o apoio da assembleia, isso lhe custaria caro. Mesmo Anelado, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra seria um inimigo formidável para uma Sacerdotisa de Joia Vermelha.

Por essa razão, seus caminhos raramente se cruzavam, e ela o mantinha afastado de Hayll e de sua corte. No entanto, dispunha de um trunfo que o mantinha submisso, e ambos sabiam disso. Se a vida de Lucivar não estivesse em perigo, nem mesmo a dor infligida pelo Anel de Obediência poderia detê-lo. Lucivar... e a carta mais valiosa que Tera tinha juntado ao jogo de submissão e controle. A carta cuja existência Dorothea desconhecia. A carta que poria um fim ao seu domínio sobre Terreille.

Houve uma época em que os Sangue governaram honradamente e bem. As aldeias de Sangue de cada Distrito protegiam e tratavam de maneira justa as aldeias de plebeus com quem tinham relação. As Rainhas dos Distritos serviam na corte da Rainha da Província. As Rainhas das Províncias, por sua vez, serviam a Rainha do Território, que era escolhida pela maioria dos Sangue que usavam as Joias mais escuras, machos e fêmeas, uma vez que era a melhor e a mais forte.

Nesse tempo, não era necessário recorrer à escravatura para controlar os machos fortes. Seus corações os levavam na direção da Rainha que julgavam adequada. Entregavam suas vidas de boa vontade. Serviam em liberdade.

Nesse tempo, o complicado triângulo da condição dos Sangue não se apoiava tanto na categoria social. A categoria das joias e a casta pesavam da mesma forma ou até mais. O que significava que o controle dessa sociedade era uma dança fluida, cuja condução se alterava constantemente, dependendo dos bailarinos. Mas no centro dessa dança estava sempre uma Rainha.

Essas tinham sido a genialidade e a imperfeição dos expurgos de Dorothea. Sem Rainhas poderosas que desafiassem sua ascensão ao poder, sua expectativa fora a de que os machos se entregassem a ela, uma Sacerdotisa,

da mesma forma que se entregariam a uma Rainha. Mas isso não aconteceu. Começou então um tipo diferente de expurgo, e, ao final dele, Dorothea possuía as armas mais afiadas de todas — machos apavorados que roubavam o poder de qualquer fêmea mais fraca para se sentirem poderosos e fêmeas apavoradas que colocavam Anéis em machos potencialmente fortes antes que eles se tornassem uma ameaça.

O resultado foi uma perversão em espiral da sociedade que se centrava em Dorothea não só como o instrumento da destruição mas também como o único refúgio seguro.

E então ela se espalhou para o exterior, para os outros Territórios. Ele tinha visto essas outras terras e também pessoas desmoronando lentamente, esmagadas sob a perversão implacável e sussurrada de Hayll nos hábitos dos Sangue. Tinha visto as poderosas Rainhas, iniciadas cedo demais, regressando da Noite da Virgem quebradas e imprestáveis.

Tinha visto e lamentado tudo isso, furioso e frustrado por não poder fazer muito para deter os acontecimentos. Um bastardo não tem posição social. Um escravo menos ainda, não importa a casta a que pertence por nascimento ou as Joias que usa. Por isso, enquanto Dorothea encenava o seu jogo de poder, Daemon encenava o seu próprio. Ela destruía os Sangue que se opunham a ela. Ele destruía os Sangue que a apoiavam.

No final, Dorothea iria vencer. Daemon sabia disso. Eram escassos os territórios que não viviam à sombra de Hayll. Havia séculos que Askavi tinha aberto as pernas para Hayll. Dhemlan era o único território na parte oriental do Reino que ainda lutava com as últimas forças para se manter livre da influência de Dorothea. Havia também alguns territórios distantes a oeste ainda não completamente subjugados.

Em um século, dois no máximo, Dorothea atingiria sua ambição. A sombra de Hayll cobriria todo o Reino e ela se tornaria a Sacerdotisa Suprema, a soberana absoluta de Terreille, outrora conhecido como Reino da Luz.

Daemon fez desaparecer o cigarro e abotoou a camisa. Ainda tinha de servir Marissa, filha de Maris, antes de poder dormir um pouco.

Não tinha dado mais do que alguns passos quando uma mente roçou a sua, exigindo atenção. Afastou-se da casa e seguiu o puxão mental. Não havia como errar: o odor psíquico, os pensamentos emaranhados e as imagens desordenadas.

O que ela estava fazendo aqui?

O puxão cessou ao chegar ao pequeno bosque na extremidade dos jardins.

COLEÇÃO **BANG!**

A MELHOR FANTASIA, FIÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

1. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt
3. Tigana – A Lâmina na Alma –
Livro Um
Guy Gavriel Kay
4. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist
5. A Filha do Sangue – Livro Um –
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop

Próximos Títulos

A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks

Tigana – A Voz da Vingança –
Livro Dois
Guy Gavriel Kay

REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



Facebook: /editora.sde.brasil



Twitter: @SdE_Brasil



Instagram: /SdE_Brasil



COLECAN
KANGI!

